



Evaristo de Miranda

Engenheiro Agrônomo, tem mestrado e doutorado em ecologia pela Universidade de Montpellier (França). Com centenas de trabalhos publicados no Brasil e exterior, é autor de 45 livros, incluindo Tons de Verde (português, inglês e chinês). Pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária desde 1980, participou e coordenou mais de 40 projetos de pesquisa e implantou e dirigiu três centros nacionais de pesquisa. Atualmente é chefe geral da Embrapa Territorial, em Campinas, SP.

A pecuária verde do Mato Grosso

Para muitos, a pecuária no estado do Mato Grosso é um dos vetores do desmatamento da Amazônia. Esse simplismo não corresponde à realidade. Em primeiro lugar, no grande estado do Mato Grosso, a pecuária desenvolve-se, de forma diferenciada, em três biomas: Pantanal, Cerrado e Amazônia. A Amazônia ocupa 480.215 Km² (53,6%), o Cerrado 354.823 km² (39,6%) e a menor área é a do Pantanal, com 60.885 km² (6,8%).

Em 2021, o rebanho de bovinos do Mato Grosso atingiu 32,7 milhões de cabeças. É o maior de todos os estados brasileiros. Neste início de ano, o estado liderou o abate bovino, com 16,1% de participação nacional. Ficou à frente do Mato Grosso do Sul e de São Paulo, cujas participações nos abates nacionais foram de 11,3% e 11,0%, respectivamente. A pecuária do Mato Grosso cresceu e assume uma dimensão análoga à da Austrália, por exemplo.

Segundo dados do IBGE, no primeiro trimestre de 2022, o abate de bovinos no Brasil chegou a 7 milhões de cabeças. Somente o Mato Grosso abateu 1,12 milhão de animais. Existe muita desinformação sobre a pecuária no Brasil e, em particular, no Centro Oeste. A atividade é injustamente associada ao desmatamento da Amazônia e a diversos impactos ambientais negativos. Na realidade, a pecuária mato-grossense não está concentrada no bioma Amazônia, tem variado em sua repartição territorial. A produtividade e a produção dos rebanhos têm aumentado, com diminuição da área de pastagens em muitos locais, graças a avanços em: nutrição, genética saúde, manejo e bem-estar animal.

Novas fazendas de criação de bovinos se instalam nas regiões tradicionais de produção de grãos, sobretudo ao longo da BR 163 e até na região de Cáceres e Pontes de Lacerda. O etanol de milho viabilizou a produção do DDG, muito relevante para a ração animal. O processamento dos grãos e do algodão também geram resíduos aproveitados na alimentação de bovinos principalmente em confinamentos. Ampliam-se as áreas com diversos sistemas de integração lavoura-pecuária e até lavoura-pecuária-floresta.

A pecuária não é uma atividade produtiva de ciclo curto. Seu ciclo total é da ordem de três a quatro anos entre a gestação até a terminação de um animal. Isso exige planejamento e conhecimento de mercado e das demandas e preocupações de consumidores. A Associação dos Criadores de Mato Grosso, ACRIMAT, fundada em 1970, é uma entidade representativa do setor da pecuária e atua nesse sentido. Ela reúne em torno de 3 mil associados e incentiva a

criação, a seleção e a preservação, independente de raça e origem, e o intercâmbio dos criadores de gado bovino.

Existe um movimento contra o consumo de carne vermelha no Brasil e no Ocidente. A carne é um produto natural, saudável, sem aditivos, conservantes ou grandes processamentos industriais. A imensa maioria dos bovinos do Mato Grosso e do Brasil são criados no pasto. O boi brasileiro é verde e capaz de transformar capim em proteína nobre, carne e leite, de forma sustentável e muito competitiva.